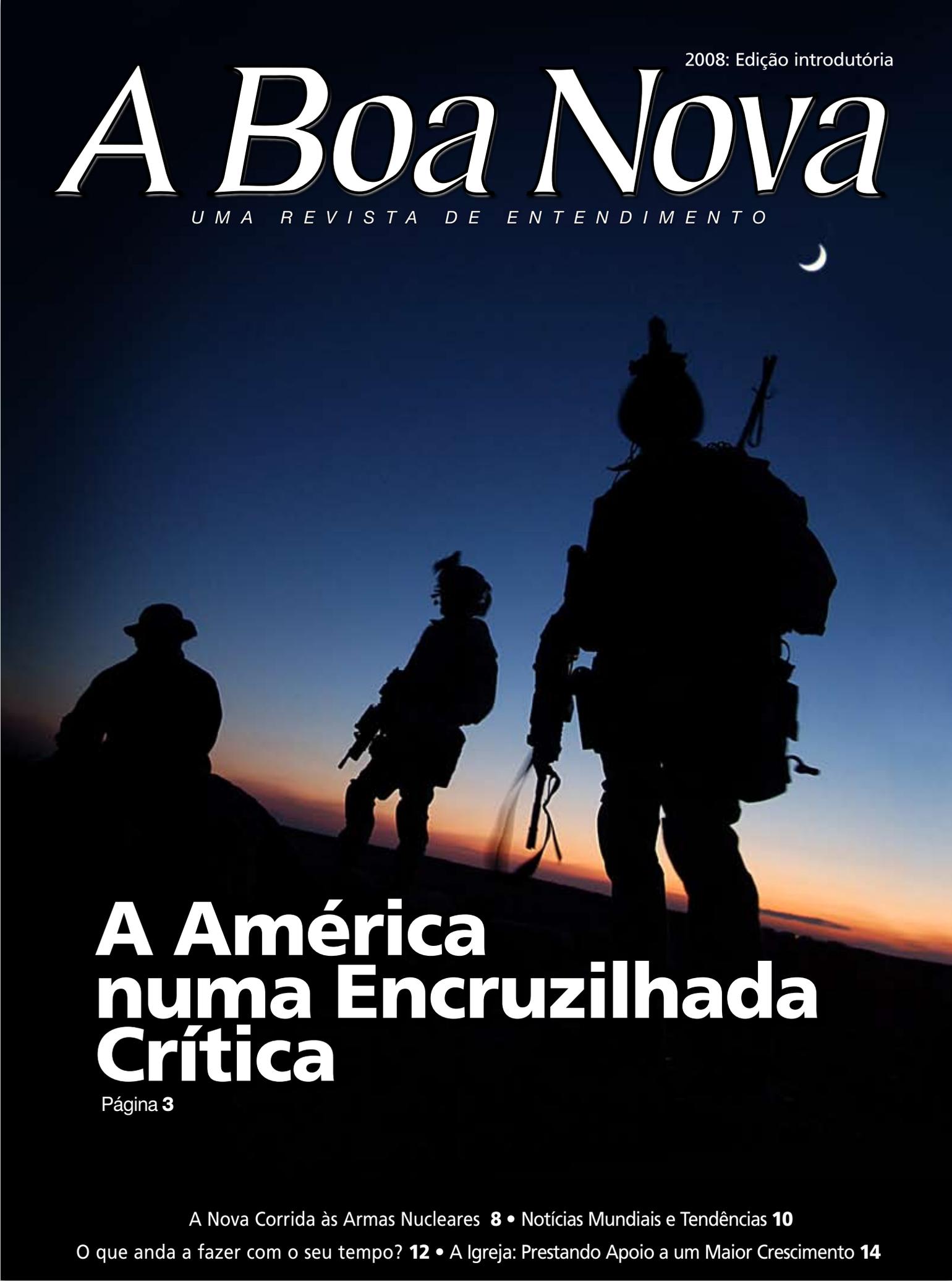


2008: Edição introdutória

A Boa Nova

UMA REVISTA DE ENTENDIMENTO



A América numa Encruzilhada Crítica

Página 3

A Nova Corrida às Armas Nucleares 8 • Notícias Mundiais e Tendências 10

O que anda a fazer com o seu tempo? 12 • A Igreja: Prestando Apoio a um Maior Crescimento 14

Índice

Artigo de capa

A América numa Encruzilhada Crítica

A ênfase contínua dos meios de comunicação nas más notícias vindas do Iraque tem gerado profundas mudanças nos destinos políticos norte-americanos e pedidos exigindo a retirada das tropas. Mas tal facto não se tem passado isoladamente. Examinemos de novo alguns dos aspectos da guerra, diplomacia e assuntos correntes do século XX – e acima de tudo, o rumo que a Bíblia indica que os Estados Unidos vai tomar. 3



América faz planos para sair do Iraque 3

A Nova Corrida às Armas Nucleares: Irá o Homem Destruir-se a Si Próprio?

O Irão parece determinado em juntar-se à Coreia do Norte no clube nuclear. Vizinhos nervosos irão provavelmente iniciar, em breve, os seus próprios programas nucleares. Que consequências poderá a proliferação de armas nucleares ter para nós? 8



Aproveite o mais que puder deste precioso haver 12

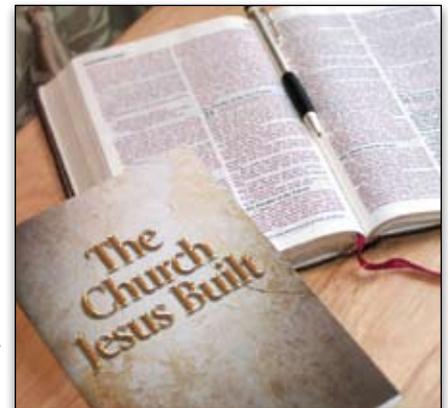
Notícias Mundiais e Tendências

Uma vista de condições à volta do mundo. 10

O Médio Oriente: Enfrentando um futuro incerto?; Presidente iraniano mantém pressão verbal sobre Israel; O Estreito de Hormuz: Uma séria ameaça iraniana; Irão os Palestínianos entrar num acordo de paz duradouro com Israel?; O Império Alemão e o novo Papa alemão; Nascimento fora do casamento norte-americanos a aumentarem; Uma nação atrás das grades; Tropas da ONU abusam daqueles que deviam proteger; Vizinhos nucleares agora prováveis no Médio Oriente.

O que anda a fazer com o seu tempo?

Ricos ou pobres, velhos ou jovens, do sexo masculino ou feminino, todos temos a mesma quantidade de uma coisa - tempo. A forma como o usamos irá determinar, em grande medida, o quão longe chegaremos na vida e na nossa relação com o nosso Criador. 12



O que é exactamente a Igreja? Qual é o seu propósito? 14

A Igreja: Prestando Apoio a um Maior Crescimento

O que é exactamente a Igreja? Qual é o seu propósito? Porque é que você precisa dela? A Igreja que Jesus Cristo fundou e dirige pode desempenhar um papel precioso no apoio a um maior crescimento pessoal. 14

Moradas Postais

Estados Unidos da América: Igreja de Deus Unida

P O Box 541027, Cincinnati, OH, 45254-1027; Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra: United Church of God

P O Box 705, Watford, Herts WD19 6FZ ; Telefone: +44 (0)20-8386-8467

África do Sul: United Church of God

P O Box 2209, Beacon Bay, East London, 5205; Telefone: +27 (0)43 748-1694

Internet:

Site: www.revistaboanova.org / ou site: www.ucg.org / e-mail: info@ucg.org



As últimas eleições nos Estados Unidos demonstraram que o país está claramente dividido sobre o seu rumo, os seus valores e o seu futuro. Nunca antes foram os seus líderes nacionais tão difamados, ridicularizados e atacados – um ataque constante e sem piedade por parte dos meios de comunicação e de muitos países estrangeiros.

Contudo, paradoxalmente, os Estados Unidos ainda é, claramente, a nação mais forte do mundo. A sua economia, apesar do custo enormíssimo da guerra contra o terror, continua a ser o motor da economia mundial. O PIB norte-americano - a sua produção total de bens e serviços – representa quase um terço da produção mundial. A sua economia é duas vezes e meia maior que a economia do Japão, oito vezes e meia maior que a da China e trinta vezes maior que a da Rússia.

O orçamento militar dos Estados Unidos é maior que o da Rússia, da China e da União Europeia em conjunto. E tendo em conta que os Estados Unidos representa quase 80% do que é gasto a nível mundial em pesquisa e desenvolvimento militar,

Norte relativamente às ambições destes países a nível de armas nucleares? E, acima de tudo, o que significam estes dilemas críticos para o futuro dos Estados Unidos e do resto do mundo?

A recente história militar atribulada

Podemos abrir as páginas de um semanário americano popular de 1964 e encontrar alguns dos sentimentos sobre o Iraque expressos sobre o Vietname. A edição de 7 de Agosto da revista Time desse ano, descreveu o conflito no Sudeste Asiático como uma “guerra suja, sem escrúpulos, sem direcção, que não tem nem linhas de frente nem fim à vista . . . Agora já não se fala em sair até 1965 – ou

odo de três anos e meio, embora trágico, é somente ligeiramente acima do número de soldados norte-americanos mortos num dia durante a invasão do Dia D. É insignificante quando comparado com as 426.000 mortes em combate de soldados norte-americanos durante a Primeira e Segunda Grande Guerra, a Guerra da Coreia e a do Vietname, que ocorreram quando a população total dos Estados Unidos era muito menos numerosa do que é hoje em dia. Porém, é raro vermos esses números postos em perspectiva. Tal como aconteceu no Vietname, parece que a maioria dos norte-americanos já não tem estômago para um conflito sangrento e prolongado.

A perspectiva de muitos americanos sobre



A América numa Encruzilhada Crítica

A ênfase contínua dos meios de comunicação nas más notícias vindas do Iraque tem gerado profundas mudanças nos destinos políticos norte-americanos e pedidos exigindo a retirada das tropas. Mas tal facto não se tem passado isoladamente. Examinemos de novo alguns dos aspectos da guerra, diplomacia e assuntos correntes do século XX – e acima de tudo, o rumo que a Bíblia indica que os Estados Unidos vai tomar.

por John Ross Schroeder

possui também, sem qualquer dúvida, as armas mais avançadas no mundo – tal como ficou demonstrado nas suas vitórias relâmpago quando derrubou os regimes hostis no Afeganistão em 2001 e no Iraque em 2003.

E, no entanto, porque é que uma super potência como os Estados Unidos parece ser incapaz de resolver a turbulência imparável no Iraque e no Afeganistão? Porque é que a nação mais poderosa da história se tem revelado tão impotente em fazer cumprir a sua vontade no Irão e na Coreia do

qualquer outro ano no futuro previsível.”

As condições no Vietname ainda pioraram muito devido ao conflito que se alastrou durante mais de uma década, até meados dos anos 70. O Presidente actual tem de viver com o facto de que existe muito menos paciência da parte do Congresso e dos cidadãos americanos do que houve em conflitos passados.

Por exemplo, enquanto que os Estados Unidos sofreram quase 3.000 fatalidades de guerra no Iraque, esse total num perío-

o lugar da América no mundo também se tem alterado – em muitos casos, bastante dramaticamente.

Quando a Segunda Guerra Mundial terminou em 1945, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a União Soviética dominavam o mundo, tendo derrotado as Potências do Eixo (a Alemanha, a Itália e o Japão). Contudo, no espaço de uma década o Império Britânico, que foi durante muito tempo uma força estabilizadora pelo mundo fora, foi praticamente todo desmantelado

(com algumas exceções, como é o caso de Gibraltar e de Hong Kong, tendo o último sido devolvida à China recentemente, mais precisamente em 1997). Esgotada devido ao custo de uma guerra prolongada, a Grã-Bretanha simplesmente não teve capacidade financeira para manter o seu império.

Pouco tempo depois, a União Soviética e os Estados Unidos entraram na longa Guerra Fria que só terminou com a queda histórica do Muro de Berlim em 1989, juntamente com o colapso da cortina de ferro.

David Rothkopf, antigo conselheiro de segurança nacional para o governo dos Estados Unidos, fez o seguinte comentário sobre os constrangimentos norte-americanos: “Durante a Guerra Fria, o poder dos Estados

testou a determinação dos Estados Unidos em manter a paz no mundo e em impedir uma ameaça comunista no Sudeste Asiático.

Para terminar a Guerra da Coreia (de 1950 a 1953), os Estados Unidos aceitou um empate – um que, tendo em consideração o recente teste de uma arma nuclear por parte da Coreia do Norte, provou o quão imprudente seria qualquer resultado que não a vitória clara que o General norte-americano Douglas MacArthur queria atingir.

Um número considerável de forças norte-americanas permanece até hoje estacionado na Coreia do Sul para manter uma paz difícil.

O empate coreano foi seguido pelo fiasco do Vietname nos anos 60 e 70. Mais

resultou num empate na Coreia e numa derrota no Vietname” (*Colossus*, 2004, p. 287). Milhões morreram no Sudeste Asiático em consequência.

Novos desafios de liderança

Ao entrar em funções após a derrota no Vietname, o Presidente norte-americano, Ronald Reagan, iniciou um programa de despesa militar gigantesco para restabelecer a supremacia americana. A União Soviética, ao tentar acompanhar os Estados Unidos, faliu pouco tempo depois, o que resultou no colapso da cortina de ferro e em liberdade para as ex-nações da Europa do Leste do Pacto de Varsóvia. Pouco tempo depois, a América tornava-se na única super potência mundial.

Rothkopf resume a situação que desafiaria agora a liderança americana: “De facto, num novo contexto mundial, não só tinha os Estados Unidos um poder sem precedentes como era também imprevisível . . . os líderes americanos estavam efectivamente a tomar decisões que afectavam a vida e os destinos de dezenas e centenas de milhões, de biliões, que não os tinham escolhido, não percebiam o que estavam a fazer ou como é que o estavam a fazer . . . Nós éramos de facto os líderes da comunidade mundial, coroados pela história e pelas circunstâncias . . .” (*Running the World*, p. xiii).

Nenhuma nação deve deixar circunstâncias e contrariedades adversas nos Estados Unidos levá-la a subestimar o tremendo poder que os Estados Unidos ainda tem – mesmo se a nação por vezes não tem nem a determinação política, nem o discernimento bíblico para utilizar esse poder.

O Presidente John F. Kennedy uma vez prometeu num discurso “lutar contra qualquer inimigo” em nome da liberdade e da justiça no mundo. Ele reconheceu tardiamente que o poder americano tinha limitações e que ele não podia intervir em todos os conflitos no mundo. Até aqueles com grande poder têm que conter a sua ira e serem prudentes sobre quando e onde intervir em nome do interesse nacional.

De volta ao presente, o novo desafio mais preocupante para a liderança norte-americana ocorreu no dia 11 de Setembro de 2001, com o ataque de aviões suicidas ao World Trade Center em Nova Iorque e ao Pentágono em Washington D.C., que resultou na trágica perda de 3.000 vidas. Só nessa altura é que os Estados Unidos despertou para o facto de que a máquina de terror islâmica tinha estado em guerra com os Estados Unidos já há vinte anos (recordemos Beirute em



Intervenções de grande envergadura na Coreia, no Vietname e no Golfo Pérsico não conduziram a maior segurança nacional.

Unidos para agir internacionalmente estava constrangido pelos interesses e pontos fortes da União Soviética. Podíamos agir, mas tínhamos sempre que antecipar e compensar pela reacção do nosso grande adversário” (*Running the World*, 2004, p. xiii).

Foi a partir deste ambiente que surgiu o conceito de guerra limitada, de que os riscos envolvidos eram demasiado altos para a América arriscar guerra total novamente. A Ponte Aérea de Berlim de 1948-49, o embargo com o avião espião U2 que envolveu um piloto Americano que foi abatido sobre território soviético em 1960 e detido durante dois anos, e a crise de mísseis cubanos de 1962 foram três incidentes extremamente críticos que levaram a América a entrar num potencial conflito nuclear com a União Soviética.

Mudança de destinos na Coreia e no Vietname

No princípio dos anos 50 a Coreia do Norte

uma vez, a determinação dos Estados Unidos em policiar o mundo estava em risco. Apoiantes da guerra citavam a teoria do domínio, em que o Sudeste Asiático, sem uma forte intervenção norte-americana, podia seguir o exemplo da Coreia do Norte e também se tornar comunista.

Durante o conflito o presidente norte-americano, Lyndon Johnson, fez a seguinte observação, “A nossa determinação está a ser testada.” As imagens mais marcantes do fim desse conflito esgotante foram as de helicópteros norte-americanos a evacuar pessoal militar e governamental sul vietnamita, juntamente com as suas famílias, do telhado da embaixada americana enquanto Saigão caía perante as forças atacantes de Ho Chi Mihn, que vinham do Norte. Pouco tempo depois, os vizinhos Cambodja e Laos também cederam ao comunismo.

Tal como o historiador Niall Ferguson destaca, “A doutrina da guerra limitada

1982, o ataque às Torres Gêmeas em 1993, o bombardeamento de embaixadas norte-americanas em África em 1998 e o ataque em 2000 ao U.S.S. *Cole* — para mencionar apenas alguns eventos).

O que não compreendemos

O historiador Andrew Roberts propõe uma visão oposta dos eventos na guerra ao terror. “Aqueles que acusam o Bush e o Blair de exacerbar o terrorismo islâmico através das suas invasões do Afeganistão e, em particular do Iraque, não compreendem que a guerra assassina e sem piedade já tinha começado muito antes de 2003.

“A *Guerra contra o terror foi uma resposta tardia* . . . Só após o 11 de Setembro é que as pessoas de língua inglesa estavam finalmente preparadas para combater como deve ser e a utilizar todos os elementos do poder nacional para constituir uma resposta coerente e forte” (*A History of the English-Speaking Peoples Since 1900*, 2006, p. 601).

O 11 de Setembro chocou de facto o mundo. Muitos aplaudiram em países do terceiro mundo. De início, a grande maioria do resto do mundo apoiou os Estados Unidos. Actualmente, passados poucos anos, os Estados Unidos pode contar com apenas uma mão os amigos que tem no mundo. Até os governos apoiantes estão a pagar um preço pela sua lealdade para com os Estados Unidos e têm que resistir corajosamente aos protestos dos grupos partidários da oposição entre os seus próprios cidadãos.

Os aliados de confiança da América incluem umas poucas nações, sendo a maioria de língua inglesa: a Grã-Bretanha, a Austrália, o Canadá e Israel. Na verdade, estes amigos não são somente amigos mas irmãos de sangue. (Para entender a ligação histórica vital entre estas nações, solicite ou descarregue o nosso livreto gratuito, disponível somente em inglês, *The United States and Britain in Bible Prophecy* [www.gnmagazine.org/litreq/index.htm]. Sem este conhecimento bíblico e histórico essencial, não conseguirá verdadeiramente perceber os assuntos correntes que afectam o mundo de língua inglesa.)

Enfrentando probabilidades desfavoráveis

A natureza das operações estrangeiras americanas no Sudeste Asiático e no Médio Oriente foram contraproducentes. Um artigo principal publicado no *Le Monde Diplomatique* em Outubro de 2006 explicou o seguinte: “Se tomarmos como exemplo o século XX, nenhuma guerra de guerrilhas

ou insurreição de baixa intensidade jamais foi ganha em solo estrangeiro. Os EUA, tal como os soviéticos no Afeganistão, os franceses na Argélia e as suas próprias forças no Vietname, podem possuir poder de fogo mais avançado e destrutivo, mas o seu compromisso é muito inferior ao dos seus oponentes e é muito mais frágil e sujeito a perder o ânimo.

“Num conflito que é visto como sendo entre uma cruzada egoísta e uma jihad altruísta, soldados muito bem treinados, pagos e equipados, esforçam-se para se manterem vivos enquanto lutam guerras contra mili-

general norte-americano baseado na China, antes e depois da Segunda Guerra Mundial, é recordado essencialmente por aconselhar os seus compatriotas americanos a não se envolverem em guerras territoriais na Ásia. Ele conhecia o “terreno” — a dificuldade em combater um inimigo determinado na sua própria terra do outro lado do mundo.

Intervenções americanas – um registo misto

Em 1939 a América tinha um exército relativamente pequeno com poucas (se é que alguma) verdadeiras alianças militares



Num conflito que é visto como sendo entre uma cruzada egoísta e uma jihad altruísta, soldados muito bem treinados, pagos e equipados, esforçam-se para se manterem vivos enquanto lutam guerras de escolha contra militantes voluntários sem grande capacidade tecnológica que estão prontos a sacrificarem-se...”

tantes voluntários sem grande capacidade tecnológica que estão prontos a sacrificarem-se e a morrerem como mártires num confronto de necessidade. Os Estados Unidos chora os seus mortos; grupos de resistência celebram os seus” (Marwan Bishara, “US: World Empire of Chaos”).

Os historiadores norte-americanos, Steven Ambrose e Douglas Brinkley, salientam a nobreza dos objectivos americanos, tal como declarado pelos líderes da nação: “A partir de 1961, os presidentes americanos não se cansavam de proclamar que os Estados Unidos estava a fazer sacrifícios no Sudeste Asiático somente para o bem das pessoas dessa região. Os Estados Unidos não tinha quaisquer objectivos territoriais, nem tampouco desejava tomar o lugar dos franceses como os senhores coloniais dos Vietnamitas” (*Rise to Globalism*, 1997, p. 241).

Apesar disso, “Vinegar Joe” Stilwell, um

e praticamente nenhuma tropas estacionadas em quaisquer países estrangeiros. Com a excepção de uma missão ou outra no México e em Cuba e, como é óbvio, da Primeira Guerra Mundial, as guerras com países estrangeiros tinham sido raras na história americana, particularmente em comparação com a Europa. O sentimento nacional dominante era o de isolacionismo.

Contudo, com a enorme intervenção americana na Segunda Guerra Mundial, após o ataque japonês a Pearl Harbor no final de 1941, tudo isso mudou muito rapidamente. Desde então os Estados Unidos tem tido um vasto exército, força naval e força aérea em prontidão com enormes orçamentos militares para apoiar as suas actividades. Tecnologicamente, o seu armamento é ainda mais impressionante.

Entre as intervenções de grande envergadura na Coreia, no Vietname e no Golfo

Pérsico, também houve intervenções militares mais pequenas em várias localizações nas Américas, nomeadamente em Granada e no Panamá. A América forjou alianças militares com muitas nações e enviou grandes quantidades de armamento àqueles que eram vistos como governos amigáveis.

Contudo, a segurança nacional tem estado constantemente em risco, talvez nunca tanto quanto agora com a guerra contínua contra o terrorismo. Apesar da intervenção militar norte-americana em grande escala na Primeira Guerra do Golfo em 1991, no Afeganistão em 2001 e no Iraque em 2003, os problemas não desapareceram. A América demonstrou que a sua força militar poderosa podia ganhar a guerra, mas que era incapaz de ganhar a paz.

Ao todo, as intervenções norte-americanas no estrangeiro não têm tido resultados positivos desde a Segunda Guerra Mundial. Aliás, até isso está bastante longe da verdade. As condições actuais em casa e no estrangeiro poderão levar-nos a fazer a seguinte pergunta: Será que a América venceu a sua última guerra?

Levando a nossa procura pelo entendimento sobre todos estes eventos a um patamar superior, será que existe uma dimensão deveras importante e significativa que não levámos em conta ao tirar a “temperatura” da América como uma nação?

O lema nacional dos Estados Unidos, escrito na sua moeda, é “Em Deus Confiamos.” Contudo, não haverão demasia-

chamou “a rocha sobre a qual repousa a nossa República.” Consideremos uma passagem de Deuteronomio 32:7-9: “Lembrete dos dias da antiguidade . . . Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações . . . pôs os termos dos povos, conforme ao número dos filhos de Israel. Porque a porção do SENHOR é o seu povo; Jacó é a parte da sua herança.”

Deus tinha os seus olhos postos na antiga Israel, e isso não mudou quando nos apercebemos de, quem são, actualmente, os descendentes de Jacó. E, contudo, Ele preocupa-se com todas as nações e todos os povos.

“A justiça exalta as nações”

Salomão, o rei de Israel, no apogeu do seu poder, registou um grande princípio de vida nacional: “A justiça exalta as nações . . .” (Provérbios 14:34). Este princípio aplica-se a qualquer nação!

Deus tem abençoado a América com liberdades e prosperidade material talvez acima de qualquer outro país em toda a história. (Que outra razão haverá para tanta gente em países pobres quererem deixar o seu país e mudarem-se para os Estados Unidos?)

Tem havido um certo entendimento bíblico na história americana. Na verdade, alguns presidentes norte-americanos, tais como George Washington e Abraham Lincoln, foram verdadeiramente homens de grande integridade e respeito pela bíblia. Lincoln até convocou os seus concidadãos

particularmente nas décadas mais recentes desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Os antepassados pioneiros na América não compreenderiam a conduta actual da sua nação. A maioria deles ficaria aterrada com a falta de moral dos americanos actuais. Eles diriam que os americanos viraram as costas a Deus. E eles teriam razão.

De facto, os americanos estão a negar o seu Criador e a removê-Lo da vida pública. A oração e a Bíblia foram banidas das escolas públicas. Alguns tentaram retirar “sob Deus” da Promessa de Fidelidade americana. Existe um esforço crescente e concertado no sentido de remover os Dez Mandamentos da esfera pública.

Como nação a América tem permitido e tolerado a imoralidade sexual galopante, os excessos financeiros, roubo, pornografia – a lista parece não ter fim. A conduta homossexual e, em alguns sítios, até o casamento entre pessoas do mesmo sexo, foram legalizados. Abortaram os seus filhos por nascer aos milhões, geralmente para conveniência pessoal.

Bênçãos e maldições

Acredite ou não, o que está a acontecer aos povos de língua inglesa foi previsto nas páginas da Bíblia há muito tempo. Deve ler com atenção as bênçãos e maldições mencionadas em Levítico 26 e Deuteronomio 28. Deus tinha abençoado enormemente a antiga Israel tal como Ele também abençoou os seus descendentes que vivem principalmente nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, partes da África do Sul e no Noroeste da Europa.

Notemos outra passagem em Deuteronomio: “E, engordando-se Jesurum [outro nome para Israel], deu coices . . . e deixou a Deus que o fez, e desprezou a Rocha da sua salvação” (Deuteronomio 32:15).

Um dos pais fundadores da América, John Adams, disse que “riquezas, grandeza e poder terão o mesmo efeito sobre mentes americanas como sobre mentes europeias.” As palavras foram ditas com a intenção de lançar um aviso forte. Ele entendia bem os padrões da história.

As bênçãos, obrigações e avisos – claramente reminiscências da nossa situação moderna actual – encontram-se num capítulo inicial de Deuteronomio. Nesse capítulo, Deus, através de Moisés, dirigiu-se aos Israelitas enquanto esperavam em pé para entrar na Terra Prometida com as suas reservas naturais abundantes:

“Porque o SENHOR, teu Deus, te mete numa boa terra, terra de ribeiros de águas,

Ao todo, as intervenções norte-americanas no estrangeiro não têm tido resultados positivos desde a Segunda Guerra Mundial. Aliás, até isso está bastante longe da verdade. As condições actuais em casa e no estrangeiro poderão levar-nos a fazer a seguinte pergunta: Será que a América venceu a sua última guerra?

das pessoas posto Deus de parte? Será que existe uma dimensão moral que está a ter um efeito muito maior sobre os destinos nacionais da América do que nos apercebemos actualmente?

Precisamos de consultar diligentemente uma fonte valiosa e de confiança que a maioria dos americanos têm algures em suas casas. Essa fonte é, obviamente, a Bíblia, que o Presidente Andrew Jackson

para um jejum nacional e estabeleceu um dia de graças nacional. Um autor e viajante francês comentou uma vez que “a América é forte porque a América é justa.” É possível que ele soubesse que “a justiça exalta as nações.”

Porém, existe outro lado desse mesmo provérbio. Ele continua, “. . . Mas o pecado é o opórbrio dos povos.” De certo modo, os americanos deixaram de ter uma conduta justa,

de fontes, e de abismos, que saem dos vales e das montanhas; terra de trigo e cevada, e de vides, e figueiras e romeiras; terra de oliveiras, abundante de azeite e mel; terra em que comerás o pão sem escassez, e nada te faltará nela: terra cujas

Deus é o actor invisível no palco mundial. Ele simplesmente disse: “Porque quebrantarei a soberba da vossa força” (Levítico 26:19). Pensamos nós que o nosso Criador não tem o poder para o fazer? Jesus referiu-se ao Pai como “Senhor do céu e

e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra” (2 Crónicas 7:14).

A América encontra-se verdadeiramente numa encruzilhada histórica - e crítica. A mensagem clara enviada pelos resultados das últimas eleições, e as exigências cada vez mais fortes para que o Estados Unidos retire as suas forças do Iraque, demonstram que a paciência e o compromisso americano estão provavelmente a aproximarem-se do fim. As indicações apontam para a América a tentar encontrar uma forma de sair sem perder totalmente a face.

Porém, de forma inquietante, isto também demonstra outra coisa - que se a América virar as costas ao seu compromisso no Iraque neste momento, é quase certo que nenhuma futura administração norte-americana, independentemente do partido político, irá enviar tropas militares norte-americanas para o estrangeiro a não ser em resposta a um ataque em solo americano muito maior que os ataques devastadores de 11 de Setembro.

É portanto quase certo, perante tal cenário, que o mundo irá em breve tornar-se muito mais perigoso. Os regimes como o da Coreia do Norte e do Irão, apoiantes de longa data do terrorismo internacional, estão activamente a desenvolver armas nucleares e os meios para as lançar enquanto que, ao mesmo tempo, ameaçam abertamente destruir os Estados Unidos.

Que mensagem irá a falta de determinação americana, real ou aparente, em lidar com estes estados e terroristas perigosos enviar ao resto do mundo? Se os Estados Unidos não os enfrentar - e a experiência das Nações Unidas em lidar com tais problemas é péssima - quem ou o que irá impedir uma explosão de instabilidade global?

Em tempos como estes, a total insensatez em rejeitar Deus e as Suas leis devia de ser evidente. Por um lado, procuramos removê-Lo da nossa vida pública e exigimos peremptoriamente que não O queremos por perto, e depois perguntamo-nos porque é que Ele não responde quando ocorre uma tragédia.

Porém, Ele ouvirá aqueles que o buscam com um coração sincero, e ajudará e confortará aqueles que põem toda a confiança em Deus. “Buscai ao Senhor enquanto se pode achar,” diz-nos Ele em Isaías 55:6-7, “invocai-o enquanto está perto. Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converta ao SENHOR, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar.” BN

Que mensagem irá a falta de determinação americana, real ou aparente, em lidar com estes estados e terroristas perigosos enviar ao resto do mundo? Se os Estados Unidos não os enfrentar - e a experiência das Nações Unidas em lidar com tais problemas é péssima - quem ou o que irá impedir uma explosão de instabilidade global?

pedras são ferro, e de cujos montes tu cavarás o cobre” (Deuterónimo 8:7-9).

Em princípio, esta passagem descreve a América com ainda maior precisão do que a antiga Israel.

Embora geograficamente eles só ocuparam uma pequena região da terra, os antigos israelitas eram actores num palco muito maior. O seu público era constituído por toda a raça humana e o seu período de referência projectou-se no futuro longínquo.

Não honrar a Deus

As instruções e avisos divinos de Deus vieram de seguida: “Quando pois tiveres comido, e fores farto, louvarás ao SENHOR teu Deus pela boa terra que te deu. Guarda-te para que te não esqueças do SENHOR teu Deus, não guardando os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus estatutos que hoje te ordeno: Para que, porventura, havendo tu comido e estando farto, e havendo edificado boas casas, e habitando-as . . . e se multiplicar tudo quanto tens, Se não eleve o teu coração . . . E não digas no teu coração: A minha força, e a fortaleza de meu braço, me adquiriu este poder” (versículos 10-17).

Mais tarde, Deus declarou através do profeta hebraico, Jeremias, que “o meu povo se esqueceu de mim por inumeráveis dias” (Jeremias 2:32). Os resultados trágicos estão à vista. De facto, o livro de Levítico fala sobre o poder de Israel a ser quebrantado. Os americanos ainda têm esse poder na América, mas o orgulho americano tem sido fortemente abalado pelos acontecimentos dos últimos 50 anos.

da terra” (Mateus 11:25). Ele é todo-poderoso! A Bíblia e a história são um registo dos impérios e reinos que se ergueram e caíram às Suas ordens!

A Bíblia também fala sobre um futuro “tempo de angústia para Jacó” (Jeremias 30:7) em que as nações de língua inglesa - os descendentes modernos de Jacó - passarão por um período de dor e sofrimento indescritível devido à desobediência às leis de Deus. Isto acontecerá durante o período que as Escrituras designam de “o fim dos tempos.” (Para mais informações, solicite o nosso livreto gratuito, disponível em espanhol, ¿Estamos viviendo en los últimos dias? [www.ucg.org/litreq/slitreq.html]).

Existe alguma forma de escapar?

Será tarde demais para os Estados Unidos da América? Ou haverá alguma forma de escapar? Será que podem ainda evitar um futuro desastre nacional de proporções inimagináveis? Têm tido muitos avisos. Será que achamos mesmo que o nosso Deus Criador não tinha poderes para evitar o 11 de Setembro?

O célebre autor, Samuel Huntington, diz o seguinte: “Todas as sociedades enfrentam ameaças recorrentes à sua existência, às quais elas eventualmente cedem. Contudo, algumas sociedades, mesmo quando ameaçadas, são também capazes de adiar o seu colapso ao parar e reverter os processos de declínio e renovar a sua vitalidade e identidade” (*Who Are We?*, 2004, p. xviii).

Deus é ainda mais encorajador! “E se o meu povo que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar e buscar a minha face



A Nova Corrida às Armas Nucleares: Irá o Homem Destruir-se a Si Próprio?

O Irão parece determinado em juntar-se à Coreia do Norte no clube nuclear. Vizinhos nervosos irão provavelmente iniciar, em breve, os seus próprios programas nucleares. Que consequências poderá a proliferação de armas nucleares ter para nós?

É uma ideia errada bastante comum, mas Jesus Cristo não falou sobre o fim do mundo. Pelo contrário, Ele falou sobre o fim da era - a era do domínio do homem, que irá preceder o estabelecimento do Reino de Deus quando Cristo voltar. O Reino de Deus será um reino literal sobre esta terra. Essas são as boas novas - a mensagem evangélica que Ele deu ao mundo (Marcos 1:14).

Quando os discípulos Lhe perguntaram, “Que sinal haverá da Tua vinda e da consumação do século?” (Mateus 24:3, Tradução Almeida Revista e Atualizada), Jesus iniciou uma longa profecia sobre os eventos que terão lugar imediatamente antes da Sua segunda vinda.

Ele enumerou uma série de eventos cataclísmicos e em seguida declarou, “E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias (versículo 22, Edição Revista e Corrigida).

É fácil lermos este versículo e não pensarmos muito profundamente sobre o seu significado. Nós sabemos que o homem tem o potencial para se destruir a si próprio. Também sabemos que o quão destrutivo é o homem.

Mas o que muitos esquecem é que durante muito tempo o homem nunca teve a capacidade de se extinguir a si próprio!

Só nos nossos dias é que o homem adquiriu esta capacidade. Talvez seja por esta razão que Jesus acrescenta, no versículo 34, que “não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam.” Existe, actualmente, uma geração com capacidade para se destruir a si própria. Se associarmos isso ao facto de que o homem nunca inventou uma arma que não tenha sido eventualmente utilizada, rapidamente nos apercebemos do quão provável será destruir-nos a nós próprios a não ser que Deus nos impeça!

A propagação das armas mais mortíferas

A Segunda Guerra Mundial estava a chegar ao fim quando entrámos na era

atómica com a detonação das primeiras bombas atómicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Porém, mesmo nessa altura, o homem ainda não tinha a capacidade para se destruir a si próprio. Isso surgiu uns anos mais tarde com a invenção da bomba de hidrogénio e o seu desenvolvimento e proliferação por ambos os lados da Guerra Fria.

Em meados dos anos 50 entrámos na era da “destruição mutuamente garantida”, convenientemente abreviado para MAD (MAD—mutually assured destruction—cuja sigla significa louco em inglês). Em 1964 haviam cinco potências nucleares - os Estados Unidos da América, o Reino Unido, a União Soviética, a França e a China.

Quarenta anos mais tarde, temos que acrescentar outras nações a essa lista exclusiva. É quase uma certeza que Israel tem armas nucleares. A Índia e o Paquistão, que travaram três guerras entre si desde que se tornaram independentes da Grã-Bretanha em 1947, foram ambos bem sucedidos nos testes nucleares que realizaram em 1998.

De maior preocupação é o esforço intensivo que a Coreia do Norte e o Irão, ambos apoiados de longa data do terrorismo, têm efectuado para adquirir armas nucleares.

A Coreia do Norte anunciou que levou a cabo um teste nuclear com sucesso no dia 9 de Outubro de 2006, três meses após uma amostra de força com uma série de testes com mísseis balísticos. Os Japoneses, em particular, poderão pensar que a sua única opção defensiva realista é implementar o seu próprio programa de armas nucleares.

O anúncio do Irão em meados de Novembro de que o seu programa nuclear está praticamente terminado irá provavelmente despoletar uma corrida às armas nucleares no Médio Oriente, com o Egipto, a Arábia



Sacerdotes observam guardas revolucionários Iranianos testando mísseis durante exercícios de guerra, no Irão, em Novembro 2006. O Irão faz testes de fogo de dezenas de mísseis, incluindo alguns que demonstram capacidades desconhecidas da informação secreta Ocidental.

Saudita, a Turquia e outras nações predominantemente Muçulmanas Sunni a quererem desesperadamente adquirir armas nucleares para se defenderem contra a filosofia revolucionária do Islão radical do Irão Xiita.

A rápida aquisição de armas nucleares na região mais instável do mundo não augura nada de bom para a futura paz e estabilidade do planeta. É lógico que quanto maior o número de nações com armas nucleares, maior é a probabilidade de que uma ou duas delas venha a despoletar os eventos do fim dos tempos que levaram Jesus Cristo a declarar aquela garantia profética aos Seus seguidores: Por causa dos escolhidos, Ele intervirá para impedir a destruição total do homem.

São essas as boas notícias para toda a humanidade, o evangelho do Reino - não será permitido ao homem destruir este planeta. Mas as más notícias de devastação que precederão esse tempo de paz mundial parecem vir directamente dos piores pesadelos.

O que está por trás da corrida do Irão pelas armas nucleares?

Já passaram quase três décadas desde a Revolução Iraniana de 1979, uma revolução que derrubou o Xá pró-ocidental do Irão e que o substituiu com um regime teocrático islâmico radical. Esse único evento despoletou uma série de desenvolvimentos que tem radicalizado grande parte do Médio Oriente.

No próprio Irão perante as expectativas da chegada iminente do ‘mahdi’ – o salvador messiânico na teologia Xiita – o Presidente Mahmoud Ahmadinejad acredita que está em contacto com “o imã escolhido” (líder), uma personagem chave que, de acordo com a crença Xiita, surgirá para consagrar o triunfo do Islão como a única e dominante religião sobre o mundo inteiro.

O Irão também tem vindo a emitir ameaças cada vez mais hostis contra o Ocidente, ultimamente direccionadas à Europa. No dia 20 de Outubro, a discursar por baixo de um estandarte que dizia “Israel deve desaparecer da face da terra,” o Presidente Ahmadinejad avisou a Europa a não apoiar Israel: “Nós avisámos os Europeus que . . . as nações [Muçulmanas] são como um oceano em dilatação, e se houver uma tempestade, as dimensões não se limitarão à Palestina, e vocês podem magoar-se.”

De forma a não perder a face, o chefe do poder judiciário iraniano, Ayatollah Mahmoud Hashemi Shahroudi, ameaçou que os Estados Unidos e o zionismo “estão à beira da aniquilação.”

Na semana seguinte o governo iraniano anunciou a duplicação do seu programa de enriquecimento de urânio. Paralelamente, o Conselho de Segurança das Nações Unidas teve uma disputa sobre uma resolução europeia praticamente sem sentido cujas sanções, nas palavras do especialista sobre o Médio Oriente, Daniel Pipes, “não faria mais do que proibir estudantes iranianos de estudarem física nuclear no estrangeiro, negar vistos a Iranianos que trabalham na área nuclear, e acabar com a assistência estrangeira a favor do programa nuclear iraniano, ah, com excepção da assistência da Rússia.”

Riscos elevados para uma região perigosa

O Irão sente-se, sem dúvida alguma, animado pelos problemas contínuos que os Estados Unidos tem tido no vizinho

Iraque. Só parece haver certeza sobre duas coisas no Iraque. Uma é que, após a derrota do Presidente Bush nas eleições para o Congresso no dia 7 de Novembro, os Estados Unidos irão eventualmente sair do Iraque; a outra é que o Irão será o principal beneficiário.

O Irão, que já é actualmente uma super potência regional no Médio Oriente, parece estar à beira de se tornar ainda mais forte.

Os Iranianos acreditam que a América é uma potência em declínio enquanto que



eles são uma potência em ascensão, destinados a tornarem-se cada vez mais fortes e, inevitavelmente, mais influentes. A posse de armas nucleares só irá acelerar essa ascensão e aumentar o seu estatuto internacional.

A aquisição de armas nucleares por parte do Irão terá repercussões em toda a região. O The Times londrino noticiou no dia 4 de Novembro que seis estados árabes estão a juntar-se ao movimento nuclear. Alarmados por um Irão Xiita, em ascensão, a exportar a sua filosofia islâmica radical para o Afeganistão, o Líbano e os territórios palestinos, está a aumentar o receio entre as nações árabes Sunni de um aumento da instabilidade na região:

“A ameaça de uma corrida nuclear no Médio Oriente surgiu ontem quando seis estados Árabes anunciaram que iriam iniciar programas destinados a dominar a tecnologia atómica. O passo, que vem no seguimento da incapacidade do Ocidente em refrear o programa nuclear controverso do Irão, pode resultar na rápida propagação de reactores nucleares numa das mais instáveis zonas do mundo, que vai desde o Golfo [Pérsico] até ao Levante e em direcção ao Norte de África.

“Os países envolvidos foram referidos pela Agência Internacional de Energia Atómica (IAEA) como sendo a Argélia,

o Egipto, Marrocos e a Arábia Saudita. A Tunísia e os Emirados Árabes Unidos também mostraram interesse.”

Mais abaixo, o artigo acrescenta: “Mark Fitzpatrick, um especialista sobre proliferação nuclear no Instituto Internacional para Estudos Estratégicos, afirmou que era claro que o esforço repentino para adquirir conhecimentos nucleares era para dar aos árabes uma ‘cobertura de segurança’. ‘Se o Irão não estivesse a caminho da capacidade bélica nuclear, é provável que não se visse este avanço tão súbito,’ disse ele.”

No dia 2 de Novembro, o Irão testou mísseis de longo alcance com capacidade de atingir Israel e outros alvos na região, incluindo bases militares e tropas norte-americanas, nomeadamente no Iraque, no Afeganistão e no Golfo Pérsico. Outros alvos potenciais incluem a Índia, o Paquistão, a Arábia Saudita, o Egipto e a Turquia, cada um dos quais com as suas próprias razões para recear o Irão.

O espectacular enxame de mísseis sofisticados disparados durante o exercício militar surpresa do Irão espantou militares nos Estados Unidos, em Israel e na Europa. Os lançamentos planeados ao pormenor de muitos mísseis de superfície demonstraram capacidade técnica e armamento que se desconhecia que os iranianos possuíam.

Será a ameaça à Europa o despoletar para o fim dos tempos?

Especialistas militares receiam que um dos mísseis testados, o Shahab-3, poderá ser superior às capacidades dos sistemas antimísseis americanos, israelitas e europeus. O alcance de 1.250 milhas do míssil é suficiente para alcançar Israel, o Egipto, a Turquia, a Índia e forças norte-americanas estacionadas no Médio Oriente.

Um relatório de 4 de Novembro do DEBKA, um site na Internet sobre análise política, militar e de notícias do Médio Oriente, refere-se à ameaça potencial para a Europa: “A espectacular demonstração de mísseis pode ter sido concebida tanto para consumo europeu como para impressionar os Estados Unidos e Israel. Em vez de manter em segredo a demonstração, o General Rahim Safavi, comandante dos Guardas Revolucionários, que levaram a cabo o exercício, vangloriou-se pelo facto do Irão ter provado a sua capacidade de atingir alvos para além do Médio Oriente.

Continua na página 16

O Médio Oriente: Enfrentando um futuro incerto?

Geografia, eventos históricos, política mundial e regional, séculos de conflitos étnicos e religiosos, um recurso natural vital e o lado negro da natureza humana têm todos conspirado para tornar o Médio Oriente no caldeirão de conflitos que actualmente existe.

Um artigo de referência do *Times* londrino fez a seguinte observação: “é uma das regiões mais instáveis no mundo, onde os conflitos sobre terra, ideologia e religião se têm prolongado durante séculos.” Embora o Médio Oriente tenha uma história longa e complicada, alguns observadores vêm a intervenção europeia como o princípio da presente série de dificuldades.

A Primeira Guerra Mundial (de 1914 a 1918) despoletou o fim do Império Otomano turco e deu início a várias décadas de influência britânica considerável. As consequências da Segunda Guerra Mundial (de 1939 a 1945) esgotaram a Grã-Bretanha e a Europa em muito do seu poder e influência na região.

A criação do presente estado de Israel em 1948 provou ser um evento histórico, juntamente com uma vitória israelita na Guerra de Seis Dias, uns vinte anos mais tarde. A importância crucial da localização de



uma abundância de reservas de petróleo em crude em vários estados árabes foi salientada pela crise de energia de 1973. O problema palestino com as suas intifadas periódicas tem dominado grande parte das últimas três décadas.

O futuro do Médio Oriente é de importância crucial para o Ocidente e para o mundo. A influência americana sofreu um duro golpe devido a revoltas implacáveis no Iraque pós-guerra. Pequenos exércitos privados em toda a região estão a surgir devido a fraquezas existentes e aparentes das autoridades governamentais. Eles serão arrastados inevitavelmente para conflitos regionais.

Os indícios existentes parecem indicar que a maioria das nações árabes resistirá à democracia, o que deixará ditaduras autoritárias estabelecidas e prontas para o futuro previsível. O anti-americanismo está em

alta e a aumentar na maioria das nações islâmicas. É pouco provável que o crescimento económico, devido à globalização, venha a beneficiar verdadeiramente esta parte do mundo, com excepção de Israel.

O Irão é a maior ameaça para a paz, embora os problemas iraquianos e palestinianos permaneçam feridas em aberto. O tão esperado processo de paz parece ter sido posto de lado, pelo menos por agora.

A *Foreign Affairs*, publicada pelo Conselho de Relações Exteriores [Council on Foreign Relations, uma organização norte-americana de académicos independentes e sem filiação política, dedicada à disseminação de ideias sobre questões mundiais], resumiu a sua visão do futuro da região: “O Médio Oriente permanecerá uma parte do mundo instável e preocupante durante várias décadas futuras” (edição de Novembro-Dezembro 2006).

A Bíblia concorda em parte com este ponto de vista mas também garante um futuro brilhante a longo prazo. O nosso livreto, inteiramente grátis, disponível em espanhol, *El Cercano Oriente en la profecia bíblica*, explica o contexto histórico da região e o seu futuro profético, tanto no curto como no longo prazo. Solicite ou descarregue a sua cópia gratuita em www.iglesiadediosunida.org/literatura/list.htm. (Fontes: *A Foreign Affairs* e o *The Times [Londres]*.)

Presidente iraniano mantém pressão verbal sobre Israel

O presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, tem falado sobre “cumprir o último passo” nas preparações para o seu país possuir uma bomba nuclear. De acordo com a Agence France-Presse (AFP), o presidente iraniano declarou que “espero que até ao fim do ano (iraniano, que termina em Março de 2007) possamos organizar a grande festa de confirmação do direito nuclear do Irão.”

O Presidente iraniano falou sobre o “desaparecimento e destruição” de Israel durante uma reunião recente ...

Os líderes iranianos são extremamente hostis para com o estado de Israel. De acordo com outro relatório da AFP, o Presidente iraniano falou sobre o “desaparecimento e destruição” de Israel durante uma reunião recente com os seus ministros.

O antigo Primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, tem pedido insistentemente ao Ocidente “para acreditar nele e detê-lo.”

A edição de Novembro de 2006 da *Commentary* declarava que as propostas diplomáticas ocidentais e das Nações Unidas feitas ao governo iraniano não “conseguiram influenciar o seu erro fundamental ou reprimir as suas ambições radicais.” (Fontes: Agence France-Presse, *Haaretz* [Tel Aviv].)

O Estreito de Hormuz: Uma séria ameaça iraniana

Enquanto a maior parte do mundo se tem concentrado na ameaça nuclear iraniana, o Teerão tem avançado gradualmente para tentar assumir o controlo do Estreito de Hormuz com armas convencionais.

Qual a importância desta via marítima crucial? Cerca de 40 por cento das exportações de petróleo em crude do mundo passa pelo canal estreito entre

o Irão e Omã. As estimativas para 2025 apontam para tanto quanto 60%. O encerramento desta via marítima asfixiaria o sangue vital da economia mundial – o petróleo.

Forças militares ocidentais, meramente simbólicas, patrulham estas águas. Porém, de acordo com a *Commentary*, “O regime de Teerão não tem escondido o seu desejo de adquirir o controlo dos Estreitos, como parte da sua estratégia mais alargada de transformar o Golfo num lago iraniano.” Um alto membro do governo iraniano declarou à União Europeia, “Nós temos o poder para interromper o fornecimento de petróleo . . . até à última gota.” (Fonte: *Commentary*.)

Irão os Palestinos entrar num acordo de paz duradouro com Israel?

Muitos tinham esperança de que, após Israel se ter retirado do Líbano depois da Guerra do último Verão, a paz retornaria a Israel – não só com o Líbano mas também com os Palestinos na Faixa de Gaza. Essa esperança foi recentemente frustrada novamente.

“As tropas israelitas retiraram-se da Faixa de Gaza no seguimento de uma trégua inesperada no Domingo [26 de Novembro], mas dois principais grupos militantes palestinianos, dizendo que não tinham nenhuma intenção de parar os seus ataques, dispararam uma salva de foguetes de fabrico

doméstico contra Israel. Os ataques de foguetes por parte do Hamas e do Jihad islâmico atenuaram as esperanças de um cessar-fogo duradouro, que terminaria cinco meses de conflitos mortíferos.” (Associated Press, 26 de Novembro, 2006)

O Primeiro-ministro de Israel, Ehud Olmert, “ordenou ao exército que mostrasse auto domínio perante os foguetes. ‘Mesmo havendo ainda violações do cessar-fogo por parte do lado palestiniano, eu dei ordens aos nossos militares para não responderem, mostrarem auto domínio, e darem uma oportunidade ao cessar-fogo,’ disse ele” (idem).

Haverá um dia paz entre os Palestinos e os Israelitas? A Bíblia diz que não haverá paz duradoura até o Messias vir, impondo a paz àqueles que querem fazer guerra (ver Zacarias 14; Apocalipse 19:1-20:6). (Fonte: *Associated Press*.)



O Império Alemão e o novo Papa alemão

Um relatório intrigante da Alemanha declarava, “O Império Alemão a nível europeu medieval é um modelo válido para a união dos países europeus.” Em pensamentos atribuídos ao Ministro do Estado de Berlim para a Cultura, Bernd Neumann, “A memória do Sacro Império Romano da Nação Germânica demonstra ‘uma consistência histórica interna’ com a fundação e expansão estável da União Europeia” (grifo nosso).

O papa alemão, Benedito XVI mas ainda conhecido pelos alemães como Joseph Ratzinger da Bavária, e a chanceler alemã, Angela Merkel, atenderão às festividades e festejos em Berlim para comemorar o quinquagésimo aniversário da Comunidade Económica Europeia (a União Europeia, actualmente). De acordo com German-Foreign-Policy.com, “Ratzinger é um apoiante

Alguns observadores acreditam que estes planos fazem parte de uma agenda para salientar e sublinhar a liderança alemã da União Europeia.

ferrenho do ‘ideal imperial’ (Reichsidee) e irá falar sobre as ‘fundações espirituais’ da Europa na capital alemã.”

Alguns observadores acreditam que estes planos fazem parte de uma agenda para salientar e sublinhar a liderança alemã da União Europeia. A nação deseja ver um renascimento da agora defunta constituição da União Europeia (rejeitada através de referendos na França e nos Países Baixos [Holanda]) e pretende começar a revitalizá-la durante a sua presidência de seis meses da União Europeia.

Recordando as guerras do último século, vários outros países europeus ainda temem a possibilidade de hegemonia alemã sobre o continente. A própria Bíblia avisa sobre uma futura super potência centrada na Europa que iniciará uma série de eventos históricos que conduzirão à segunda vinda de Jesus Cristo.

O livro do Apocalipse menciona uma nova hegemonia religiosa ao lado de uma liderança secular poderosa numa união de nações nos tempos do fim. Para uma melhor compreensão deste assunto, solicite o nosso livreto gratuito *El Apocalipsis sin velos*. (Fontes: German-Foreign-Policy.com, EUobserver.com.)

Nascimentos fora do casamento norte-americanos a aumentarem

Os nascimentos fora do casamento nos Estados Unidos atingiram um recorde, representando quase 4 em cada 10 bebés nascidos o ano passado [2005]. . . Enquanto que os nascimentos fora do casamento têm há muito sido associados com mães adolescentes . . . os nascimentos entre mães não casadas aumentaram mais dramaticamente entre mulheres nos seus 20 e tal anos” (Mike Stobbe, autor-médico da AP, 21 de Novembro, 2006).

Parte do problema é que os jovens estão a viver juntos enquanto adiam o casamento, aparentemente indiferentes à santidade do casamento. Obviamente que quando são programados na escola secundária e na universidade para acreditar que Deus é um

conceito ultrapassado e que só existe a natureza, tal situação não deveria surpreender-nos.

Os nascimentos ilegítimos caíram a pique se as instruções da Bíblia sobre a santidade do casamento fossem seguidas. Se deseja mais informação sobre estas instruções, pode solicitar ou descarregar o nosso livreto gratuito, disponível somente em inglês, *Marriage and Family: The Missing Dimension* em www.gnmagazine.org/booklets. (Fonte: Associated Press.)

Uma nação atrás das grades

Uns impressionantes 7 milhões de pessoas – um em cada 32 adultos norte-americanos encontram-se em regime de liberdade vigiada ou liberdade condicional ou atrás das grades no final de 2005, de acordo com as estatísticas do Departamento de Justiça norte-americano. Desse total, 2,2 milhões estavam detidos na prisão ou cadeia.



O número de prisioneiros aumentou quase 3 por cento em relação ao ano anterior. Enquanto que as libertações estão a aumentar, as admissões estão a aumentar ainda mais.

Ainda mais triste é o facto de que embora o número de homens atrás das grades seja muito superior ao número de mulheres, o número de mulheres está a aumentar. Enquanto que a população prisional masculina aumentou 1,9 por cento durante o último ano, o número de mulheres encarceradas aumentou 2,6 por cento. As mulheres representam, actualmente, 7 por cento do total da população prisional. (Fonte: Associated Press.)

Vizinhos nucleares agora prováveis no Médio Oriente

A probabilidade de vir a existir um depósito de armas nucleares iraniano abriu a possibilidade de proliferação nuclear sem controlo entre os países vizinhos.

O *Times* londrino escreveu que “o Médio Oriente poderá estar a entrar na era mais perigosa e instável

Tropas da ONU abusam daqueles que deviam proteger

Um lado particularmente feio no que diz respeito às missões de manutenção da paz da ONU é o número de situações em que tropas sob a bandeira das Nações Unidas têm agredido e abusado sexualmente de pessoas que deviam de proteger. Desde 2004, quase 180 soldados, polícias e funcionários públicos têm enfrentado acções disciplinares por abuso sexual, de acordo com um porta-voz das Nações Unidas. A ONU investigou 319 pessoas que trabalham em missões de manutenção da paz durante esse período.

A exacerbar o problema é o facto de que a ONU não pode disciplinar cerca de 80% dos 100.000 indivíduos que trabalham em operações de manutenção da paz – só podem ser disciplinados pelos seus países de origem.

Uma investigação recente da BBC descobriu que no Haiti e na Libéria, crianças tinham sido violadas e forçadas a prostituírem-se pelas tropas de manutenção da paz das Nações Unidas. Ainda outra investigação descobriu que, no Congo, soldados tinham relações sexuais com mulheres e raparigas em troca de comida ou dinheiro. (Fonte: Associated Press.)

de sempre da sua história, com a corrida súbita da parte dos Árabes, Iranianos e Turcos para dominar a tecnologia nuclear e um dia desvendar os segredos das bombas atómicas” (4 de Novembro, 2006).

É bastante evidente que países como o Egipto, a Arábia Saudita, Marrocos, a Tunísia e os Emirados Árabes Unidos querem tecnologia nuclear o mais rapidamente possível. Um editorial publicado no *The Times* declarava que “os países que conhecem melhor o Irão, os seus vizinhos regionais, suspeitam das suas verdadeiras intenções” (Fonte: *The Times* [Londres].)

O que anda a fazer com o seu Tempo?

Ricos ou pobres, velhos ou jovens, do sexo masculino ou feminino, todos temos a mesma quantidade de uma coisa—tempo. A forma como o usamos irá determinar, em grande medida, o quão longe chegaremos na vida e na nossa relação com o nosso Criador.

por Ralph Levy

Imagine que existe um banco que deposita \$86.400 na sua conta bancária todas as manhãs. Só que há um senão—o saldo do dia anterior nunca é transferido para o dia seguinte, de forma que você perde todos os dólares que não conseguiu gastar.

O que faria? Gastava tudo, é claro!

Porém, cada um de nós é cliente deste banco de que estamos a falar. Esse banco chama-se tempo. Todas as manhãs, a sua conta é creditada com 86.400 segundos. Todas as noites, o que não conseguiu investir adequadamente é anulado, como perda. Não é permitido acumular este saldo para o dia seguinte, nem é possível pedir um descoberto.

Todos os dias, uma nova conta bancária é aberta e todas as noites as sobras do dia evaporam-se. Se não gastou o depósito desse dia, a perda é sua. Não é possível voltar atrás e também não se pode gastar por conta do saldo do dia seguinte.

É preciso viver no presente com o depósito de hoje. Invista-o de forma a obter o melhor em termos de saúde, felicidade e sucesso. O relógio está a contar. Aproveitará você ao máximo o tempo que lhe foi dado?

O tempo é assim tão importante?

Será o tempo—um pouco ou muito—assim tão importante? Considere o seguinte:

Para perceberes o valor de um ano, pergunta a um estudante que repetiu o ano.

Para perceberes o valor de um mês, pergunta a uma mãe que teve um bebé prematuramente.

Para perceberes o valor de uma semana, pergunta a um editor de um jornal semanal.

Para perceberes o valor de um dia, pergunta a um operário que recebe ao dia e tem várias crianças para alimentar.

Para perceberes o valor de uma hora, pergunta aos namorados que estão à espera para se encontrarem.

Para perceberes o valor de um minuto, pergunta a uma pessoa que perdeu um comboio.

Para perceberes a valor de um segundo,



pergunta a uma pessoa que evitou por pouco um acidente.

Para perceberes o valor de um milésimo de um segundo, pergunta a uma pessoa que ganhou uma medalha de prata nos Jogos Olímpicos.

O autor anónimo destas palavras ajuda-nos a perceber o quão importante é o tempo.

Jesus Cristo disse-nos para termos cuidado com a forma como utilizamos o nosso tempo, perguntando, “Não há doze horas no dia [a parte de dia do ciclo de 24 horas]? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo: Mas se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz” (João 11:9-10).

Também o apóstolo Paulo achou necessário lembrar aos Cristãos em Efésios que deviam de estar “remindo [comprar de volta] o tempo, porquanto os dias são maus” (Efésios 5:16; comparar com Colossenses 4:5).

Tempo: é disso que as nossas vidas são compostas. Contudo, neste mundo moderno movimentado, torna-se demasiado fácil deixar o tempo, que fundamentalmente é a nossa vida, escaparmos. Correios electrónicos, novo software, canais televisivos múltiplos, telemóveis

e todos os outros produtos da revolução tecnológica que deviam ter simplificado e melhorado a qualidade das nossas vidas parecem ter conspirado para nos roubar o tempo de que precisamos para as coisas realmente importantes da vida.

Quais são algumas das coisas importantes que deviam de ocupar o nosso tempo? Como é que Deus nos diz para utilizarmos o nosso tempo? Aqui está uma lista das actividades verdadeiramente importantes que deviam ser incluídas no nosso dia.

Oração: Comunicar com Deus

O Rei David disse um dia ao seu Criador, “Ó Deus, tu és o meu Deus; de madrugada te buscarei” (Salmos 63:1). Ele também revelou que ele orava a Deus regularmente, pelo menos três vezes por dia: “De tarde e de manhã e ao meio-dia orarei; e clamarei, e ele ouvirá a minha voz” (Salmos 55:17).

A nossa primeira prioridade nas nossas vidas devia de ser reconhecer o nosso Criador e Sustentador, Aquele que nos dá cada sopro de ar que respiramos e cada pedaço de comida que comemos. Orar — a oração intensa, sincera e regular dada como exemplo pelo próprio Jesus Cristo, e pelos apóstolos e profetas — é uma daquelas actividades que pode tão facilmente ser posta de lado, e até fora das nossas vidas, se o permitirmos.

É útil estudar as orações dos grandes servidores de Deus tal como estão registadas na Bíblia. Se fizermos isso, iremos provavelmente surpreender-nos com uma característica interessante de muitas dessas orações — elas eram longas!

De facto, elas eram por vezes muito longas! Leia a oração de Daniel em Daniel 9:3-19, e a oração de Esdras em Esdras 9:5-15, para nos apercebermos do quão longas e detalhadas eram as orações destes homens de Deus. As orações deles não eram da variedade “Desculpe, Senhor, eu tenho que ir agora; Falo consigo mais tarde”. Tampouco eram elas orações do tipo “Por favor abençoe tudo”.

Estes modelos de oração bíblicos

descrevem homens e mulheres de Deus que falavam durante muito tempo, e em detalhe, com o seu Criador sobre o seu louvor a Deus, as necessidades de outros serventes de Deus e as necessidades do trabalho de Deus. Quando apropriado (e é praticamente sempre apropriado!) confessavam os seus pecados e os da sua comunidade.

As suas orações não eram interrompidas por telefones a tocarem e outras interrupções. As suas orações são um modelo para o tipo de tempo de oração pessoal e intenso de que tanto se precisa no nosso mundo moderno, mas que é tão facilmente descurado (ou perdido).

O Estudo da Palavra de Deus

“Os meus olhos preveniram as vigílias da noite, para meditar na Tua palavra,” escreveu o salmista (Salmos 119:148). Neste versículo ele falava sobre outra utilização essencial do nosso tempo – estudar a Palavra de Deus, a Bíblia Sagrada. Eis outra actividade para a qual precisamos de arranjar espaço nas nossas vidas ocupadas, mas que é tão facilmente posta de lado.

Note o que autor fazia: Ele não lia somente a Bíblia. Ele meditava sobre a Palavra de Deus. Isto aponta para um homem que lia, estudava e ponderava longamente sobre as implicações do que tinha lido – alguém que fazia perguntas tão penetrantes como “O que é que isto me revela sobre Deus e a Sua grandeza?” e “O que é que isto me revela sobre como é que devo viver a minha vida para estar em harmonia com a vontade do meu Criador?”

Tem sido afirmado que a meditação é tão essencial para o estudo bíblico como a digestão é para comer. Se lancharmos num restaurante de fast-food ou numa loja de sandes, podemos levantar-nos pouco tempo depois da última dentada e irmos a correr para a nossa próxima actividade. Mas naquelas ocasiões raras quando comemos num restaurante de qualidade, o nosso gozo é realçado ao levarmos o nosso tempo para saborear a comida e digeri-la como deve ser.

O mesmo acontece com esta actividade diária essencial. Devemos estudar a Bíblia mas não à pressa. Ao fazê-lo, devíamos meditar, apreciando a Palavra. A boa digestão é crítica para a boa saúde, tal como a meditação sem pressa contribui para a nossa saúde espiritual. Não devíamos apressar-nos, sofrendo assim de indigestão. Necessitamos de

levar o tempo necessário para digerir a nossa comida espiritual.

Jejuar: Entendendo a nossa necessidade de Deus

De tempos a tempos, aqueles que entregaram as suas vidas a Deus e a Jesus Cristo descubrem que outra actividade é essencial para o crescimento espiritual. Pode não ser a nossa actividade favorita, visto que pode ser desconfortável, mas é bastante necessária.

Esta actividade é jejuar. Jejuar é a prática de não beber ou comer durante um período de tempo, geralmente um dia, para nos aproximarmos de Deus. Note as palavras de Jesus Cristo aos seus discípulos: “E, quando jejuardes . . . Porém tu, quando jejuares . . .” (Mateus 6:16, 17). Repare que Ele não disse, “Se jejuarem . . .” Ele disse, “Quando jejuarem,” manifestando claramente a sua expectativa de que aqueles que O seguissem jejuariam de tempos a tempos.

Num mundo muitas vezes obcecado em ganhar dinheiro, estes resultados dizem-nos algo que devíamos de saber: O bem-estar emocional das nossas famílias devia de ser considerado mais importante que ganhar aquele euro (ou real, ou dólar) a mais. O tempo passado com a família é um investimento excelente.

Mas quão fácil é pôr de lado a actividade necessária de jejuar! Há sempre um compromisso, uma actividade, que nos impede de jejuar – ou pelo menos assim parece. Pôr um dia de parte para jejuar e orar requer alguma determinação. Porém, quando o fazemos, este exercício de curto prazo que inclui “afligir as nossas almas” (para usar outro termo bíblico) proporciona grandes dividendos em termos de crescimento espiritual e orações respondidas.

Outra prioridade: Passar tempo com a família

Falando sobre o tipo de jejum que Deus espera de nós, o profeta Isaías foi inspirado a declarar que não devemos “esconder-nos” das nossas famílias (Isaías 58:7). Isto leva-nos talvez à mais importante utilização do nosso tempo

no que diz respeito a outras pessoas. Devemos passar tempo de qualidade adequado com as nossas famílias.

De acordo com um estudo recente realizado na Grã-Bretanha, mais de 90 por cento das crianças querem passar mais tempo com os seus pais. Três vezes mais o mesmo número de crianças disseram que cuidar delas, em vez de trabalhar para sustentar a família, é o emprego mais importante do seu pai.

O mesmo estudo indicou que 9 em cada 10 raparigas preferiam que o pai das suas crianças fosse carinhoso em vez de rico, e 88 por cento dos rapazes disseram que queriam ser pais quando fossem adultos. Mais de metade das crianças que tomaram parte no estudo indicaram que achavam que ser pai/mãe devia de ser ensinado nas escolas.

Num mundo muitas vezes obcecado em ganhar dinheiro, estes resultados dizem-nos algo que devíamos de saber: O bem-estar emocional das nossas famílias devia de ser considerado mais importante que ganhar aquele euro (ou real, ou dólar) a mais. O tempo passado com a família é um investimento excelente.

A Bíblia exorta os pais, “não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor.” (Efésios 6:4). Os maridos são exortados a coabitar “com elas [as suas mulheres] com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus co-herdeiros da graça da vida; para que não sejam impedidas as vossas orações” (1 Pedro 3:7).

Coabitar com a nossa esposa e estimular e exortar os nossos filhos são actividades que requerem tempo. Não podem ser apressadas. Estamos nós a pôr de lado tempo adequando para passar com os nossos entes queridos?

Não devemos negligenciar outras utilizações importantes do nosso tempo. Quando se trata da família, devemos também manter o lar realizando pequenas tarefas em casa. E o nosso emprego regular irá provavelmente ocupar a maior parte do nosso tempo. Devemos também dedicar tempo adequado à educação para nos preparar para o futuro e para que possamos melhor provir para as nossas famílias.

Tempo para relaxar e carregar as baterias

Por último, existe mais uma utilização essencial do nosso tempo que poderá parecer paradoxal depois do que leu até

Continua na página 16

A Igreja: Prestando Apoio a um Maior Crescimento

O que é exactamente a Igreja? Qual é o seu propósito? Porque é que você precisa dela? A Igreja que Jesus Cristo fundou e dirige pode desempenhar um papel precioso no apoio a um maior crescimento pessoal.

por Don Hooser

Jesus Cristo ama a sua Noiva—a Igreja! Ele “a alimenta e sustenta”! Jesus tem uma relação íntima com os membros da Sua Igreja, descrevendo-os como “membros do Seu corpo, da Sua carne e dos Seus ossos” (Efésios 5:25-30). “Como também Cristo é a cabeça da Igreja,” provendo amor e liderança (versículo 23).

Os membros da Sua Igreja, visto que ainda são humanos, são longe de perfeitos ou sem pecado, mas para aqueles que se submetem e entregam às regras do Mestre nas suas vidas, Jesus está muito ocupado a “lavá-los” para transformá-los espiritualmente numa “igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante... mas santa e irrepreensível” (versículos 26-27). Nada é tão milagroso ou inspirador!

O que é e porquê uma Igreja?

A Bíblia descreve a Igreja como uma comunidade dedicada e fervorosa de crentes – aqueles que comungam e comunicam entre si e que se esforçam pela unidade! Deus quer co-trabalhadores cooperativos para trabalharem em conjunto na tarefa gigantesca que Ele conferiu à Sua Igreja.

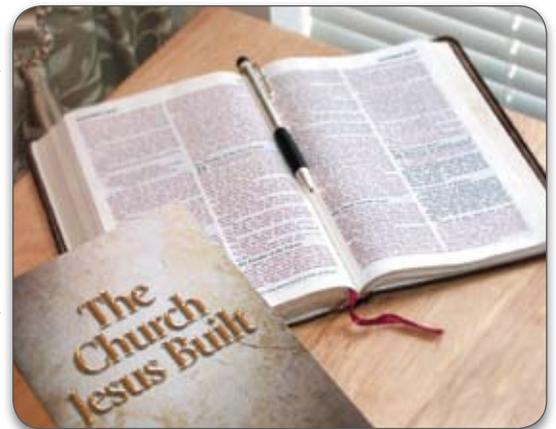
Considere as circunstâncias da Igreja primitiva do Novo Testamento: “E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum” (Actos 2:44, grifo nosso). Na versão Rei Jaime da Bíblia, a palavra inglesa *together* (juntos ou em grupo, em português) aparece 484 vezes. Deus gosta de unidade!

O que disse Jesus que seria um sinal identificativo primário dos Seus seguidores? “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:35).

Na Bíblia, amor inclui acções altruístas de ajuda, não só emoções. Como podem os discípulos de Cristo ajudarem-se uns aos outros se não se conhecem e não estão

juntos? Hebreus 10:25 salienta a necessidade da “nossa congregação ... e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia [do retorno de Cristo].”

O versículo anterior, Hebreus 10:24, salienta a necessidade de nos “estimularmos à caridade e às boas obras”. Através da convivência Cristã com outros crentes, fazemos precisamente isso – encorajar, fortalecer, confortar e ajudar-nos uns aos outros. Deus



“Portanto ide, ensinais todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado...”

sabe que é difícil sobrevivermos sozinhos espiritualmente – que precisamos do apoio e encorajamento que recebemos de estar com outros que pensam da mesma forma que nós.

O ponto central dos serviços religiosos deve ser louvar a Deus e aprender mais sobre a sua Palavra e como Ele quer que nós vivamos. Paulo descreve a Igreja como “a coluna e a firmeza da verdade” (1 Timóteo 3:15, Edição Revista e Corrigida). A Igreja é a fonte primária através da qual a verdade de Deus é ensinada e aprendida.

Porém, outro ponto central da Igreja é dar de nós mesmos uns aos outros. Constate esta evidência essencial da conversão espiritual: “Nós sabemos que passamos da morte [espiritual] para a vida, porque amamos os irmãos... Conhecemos a caridade nisto, que ele [Jesus] deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos” (1 João 3:14, 16).

O cumprimento mais comum de

“dar a vida” é dar do nosso tempo aos nossos irmãos.

Os membros da Igreja de Deus deviam de se empenhar em tornarem-se como Jesus Cristo, mas estão longe dessa perfeição. Cada membro é “uma obra em progresso”, esforçando-se para ser “transformado” por Deus e progressivamente “serem conformes à imagem de seu Filho” (Romanos 12:2; 8:29).

Cada membro está num ponto diferente do seu progresso espiritual. Por vezes surgem problemas tal como lemos no Novo Testamento. Mas sabemos que Deus espera daqueles que Ele chamou à Sua Igreja de se empenharem e de amar, perdoar e encorajar os outros.

Como é que um se torna um membro?

Surpreendentemente, um indivíduo não pode “tornar-se membro” da Igreja sozinho. Em primeiro lugar, Deus tem



que chamar ou atrair-vos a Cristo (João 6: 44-45). Você torna-se então um membro da Igreja de Deus quando “o Espírito de Deus habita em vós”, tal como Paulo disse. Ele explica que “se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Romanos 8:9). “Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus esses são filhos de Deus” (versículo 14).

Paulo também escreveu, “Pois todos nós fomos batizados [imersos, inseridos]



em um Espírito formando um corpo” (1 Coríntios 12:13). Esse “um corpo” é “o corpo de Cristo” (versículo 27). O “corpo” de Cristo “é a igreja” (Colossenses 1: 24).

Como é que se recebe o Espírito Santo? Quando uma pessoa acredita na Bíblia, se arrependeu dos seus pecados e se batizou “para remissão [perdão] dos pecados,” receberá “o dom do Espírito Santo” (Atos 2:38) através da imposição de mãos da parte do ministério de Deus. O Espírito Santo distingue ou santifica a pessoa convertida como um novo filho de Deus. É por isso que a Bíblia se refere frequentemente aos membros da Igreja de Deus como santos (1 Coríntios 1:2).

Paulo escreveu aos Cristãos coríntios, “porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo” (2 Coríntios 11:2). O perdão de Deus purifica-nos do pecado e o Espírito de Deus a viver dentro de nós concede-nos a integridade de Deus. É desta forma que nos tornamos santos ou virgens espirituais prometidos em casamento a Cristo.

Quando Cristo retornar, os santos serão ressuscitados para a vida eterna e glória (1 Tessalonissenses 4:13-18; 1 Coríntios 15:50-54; Apocalipse 20:6). O “casamento do Cordeiro” à Sua Noiva prometida terá então lugar (Apocalipse 19:7). A Igreja de Deus tornar-se-á então parte do Reino de Deus!

Definindo a Igreja e a sua missão

Jesus declarou que parte da Sua missão terrena era “construir a Minha Igreja” e Ele começou por treinar 12 discípulos e outros seguidores (Mateus 16:18). A palavra grega *ekklesia* é aqui traduzida como “igreja”. Isto explica porque a palavra eclesiástico significa “relacionado com a igreja.”

Esta palavra grega significa essencialmente “aqueles chamados a uma

convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mateus 28:19-20).

Jesus resumiu este aspecto da missão de outra forma quando Ele disse a Pedro “apascenta as minhas ovelhas” (João 21:15-17). Mais tarde, Paulo lembrou aos anciãos para “apascentardes a igreja de Deus” (Atos 20:28). Isto significa essencialmente ensinar e pregar a Palavra de Deus, salientando as aplicações práticas nas nossas vidas diárias (2 Timóteo 2:15; 3:14-17; 4:2).

Torna-se evidente a partir de outras escrituras e dos exemplos dos apóstolos que a Igreja também está incumbida de cumprir a profecia de Cristo de que “este evangelho do reino será pregado em todo os mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim” (Mateus 24:14; ver também Mateus 10:7; Marcos 1:15; 16:15; Lucas 9:2, 60; Atos 28:30-31).

A Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, editora da revista *A Boa Nova (The Good News)*, dedica-se a cumprir esta comissão dupla – pregar o evangelho do Reino de Deus em todo o mundo e orientar e estimular os membros da Igreja de Deus. O nosso reconhecimento e compromisso para com esta instrução reflectem-se no nosso logo: “Pregando o Evangelho, Preparando um Povo.”

Pregando e praticando o que a Bíblia ensina

Nós, na Igreja de Deus Unida, acreditamos inteiramente que “Toda a Escritura [é] divinamente inspirada” (2 Timothy 3:16, Edição Revista e Corrigida). E os seguidores de Cristo devem ser “cumpridores da palavra, não somente ouvintes” (Tiago 1:22; Apocalipse 14:12).

A Bíblia está cheia de inúmeros avisos para que não sejamos enganados por falsos ministros, tais como aqueles que pregam sobre o Mensageiro mas não ensinam a Sua mensagem, muito menos sobre o resto da Bíblia (2 Coríntios 11:3-4, 13-15; Mateus 7:20-23; 24:4-5, 11, 24-25). Muito do “Cristianismo” de hoje é sincretismo, o que significa uma mescla de ideias oriundas de várias religiões antigas. Jesus deseja que a Sua religião seja a mesma neste século XXI como era no século I (Hebreus 13:8).

A Igreja, tal como é descrita na Bíblia, obedece a todos os Dez Mandamentos. Isto inclui o Quarto Mandamento sobre lembrar-nos do dia que Deus santificou aquando da criação (Exodus 20:8-11; Genesis 2:1-3). Todas as passagens na

Continua na página 16

A Igreja por Trás de A Boa Nova

A Igreja do Novo Testamento pertence ao Nosso Pai celestial e ao Seu Filho, Jesus Cristo. Em conjunto inspiraram os escritores do Novo Testamento a referirem-se à Igreja como a “Igreja de Deus”, o que significa que é um organismo espiritual que pertence a Deus.

É por essa razão que o nome jurídico da organização religiosa que publica *A Boa Nova* é a “Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional.” O nosso nome escolhido primeiro reflecte o nosso compromisso em usar o nome bíblico da Igreja.

Deus espera que o Seu povo se organize e coordene os seus esforços para cumprir o Seu Trabalho com maior eficiência. A palavra “Unida” reflecte o nosso objectivo em esforçarmos por atingir a unidade e harmonia espiritual, que o Novo Testamento realça fortemente (Efésios 4:1-16; 1 Coríntios 12).

“Uma Associação Internacional” reflecte a nossa representação em muitos países pelo mundo inteiro e o nosso empenho em cumprir a comissão de Cristo de ir “por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura” (Marcos 16:15). Estamos a tentar chegar a todas as pessoas, de todas as raças, em todas as nações, para lhes dar as maravilhosas “palavras da vida eterna” (João 6:68).

assembleia” – o que indica que alguém tem autoridade sobre eles para convocá-los a uma assembleia. Os serviços religiosos são designados como “convocações santas” na Bíblia (Levítico 23:2). A palavra “convocações” significa assembleias ordenadas, e são “santas” porque é Deus quem as ordenou ou convocou. Isto significa que Deus espera que o Seu povo, sempre que possível, esteja presente quando Ele convoca uma assembleia.

Jesus deu ordens aos Seus discípulos (e a todos os discípulos futuros) sobre a sua missão: “Portanto ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou

Armas Nucleares

Continuado da página 9

“A Europa, que Teerão vê como susceptível a tais ataques, estava a ser avisada que seria o primeiro alvo num contra-ataque em resposta a um ataque norte-americano ou israelita contra as instalações nucleares do Irão” (grifo nosso).

Os leitores desta revista conhecem bem as passagens bíblicas que falam sobre um futuro choque de civilizações entre o “rei do Sul,” um líder que irá surgir do mundo islâmico, e o “rei do Norte,” o dirigente de uma coligação europeia de 10 líderes que se juntam para constituir uma nova, embora de curta duração, super potência que a Bíblia chama “a besta.”

Daniel 11:40 profetiza que “o rei do Sul lutará com ele [atacará], e o rei do Norte o acometerá [sairá ao seu encontro] com carros, e com cavaleiros, e com muitos navios.”

Embora o Irão esteja localizado a leste dos eventos principais profetizados nesta passagem, a revolução iraniana está a alastrar o fundamentalismo islâmico por toda a região, dando origem a cada vez maior nervosismo entre os líderes árabes. Um Irão com armas nucleares só conduzirá a maior instabilidade.

É também importante dar a devida importância à situação perigosa que se vive no Paquistão. O seu líder, Pervez Musharraf, já sobreviveu a várias tentativas de assassinato e, durante anos, tem percorrido uma corda bamba ao tentar equilibrar o seu apoio por esforços antiterroristas norte-americanos com uma população civil que apoia objectivos fundamentalistas islâmicos.

No caso de uma futura tentativa de assassinato ser bem sucedida, as dezenas de ogivas e mísseis nucleares do Paquistão poderão cair nas mãos de fundamentalistas islâmicos de um dia para o outro.

A continuação da guerra no Iraque e a ameaça de uma retirada das forças norte-americanas, britânicas e de coligação têm também aumentado a sensação de cada vez maior instabilidade. Uma retirada deixaria um enorme vácuo na região, especialmente se os Estados Unidos eventualmente virasse as suas costas ao Médio Oriente.

O petróleo do Médio Oriente é vital para a economia mundial, sendo os países europeus mais dependentes do que outros. Um vácuo de segurança na região, com o seu caos consequente, poderá ser o catalizador que precipitará a ascendência profetizada da união de nações europeias que precederá os eventos do fim dos tempos. **BN**

Tempo

Continuado da página 13

aqui. É o tempo para relaxar – tempo de intervalo, tempo para alterar o nosso ritmo de vida para descansar e rejuvenescer-nos. Devíamos fazê-lo regularmente, visto que o cansaço excessivo não ajuda ninguém. Se queremos ser produtivos durante o nosso período de trabalho, também precisamos de usufruir de algum tempo para relaxar e descansar.

Salomão, na sua sabedoria, escreveu que há tempo para rir e tempo para dançar (Eclesiastes 3:4), assim como também tempo para trabalhar arduamente e dedicar-nos. Por esta razão a maioria das entidades laborais dão aos seus empregados um período de férias que faz muita falta. É tempo bem merecido; e tem de ser utilizado, mesmo que seja só para manter a nossa produtividade durante o tempo em que trabalhamos.

Eu lembro-me do comentário feito pela esposa de um colega meu quando eu era professor num pequeno colégio em Texas. Ela comentava sobre o seu marido dizendo que quando iam para fora de férias, ele levava um dia inteiro para relaxar e abrandar. Infelizmente, podemos muitas vezes estar tão envolvidos no nosso trabalho que temos dificuldade em levantar o pé desse acelerador da vida, para ir mais devagar. Por vezes pode levar mais do que um dia para uma pessoa debaixo de stress poder recuperar ou adaptar-se a uma alteração de ritmo.

Aqueles que trabalham na área criativa entendem a necessidade de relaxamento e diversão. Forçar a nossa criatividade raramente funciona. Aquela faísca criativa essencial geralmente acende-se nos momentos menos esperados, quando estamos relaxados e não debaixo de pressão. É talvez por esta razão que os Evangelhos registam o facto de que Jesus Cristo por vezes sentia a necessidade em afastar-se das multidões e estar sozinho. É o tempo de descontração e sem pressas que estimula a nossa criatividade.

Tempo: é a essência da vida. Se o usarmos sabiamente, podemos ser melhores, mais produtivos, mais tementes de Deus. Podemos amar os outros verdadeiramente. Podemos lembrar-nos de brincar um pouco e manter-nos jovens por dentro. E podemos descobrir as chaves para a vida eterna tal como é descrita na sagrada Palavra de Deus. **BN**

A Igreja

Continuado da página 15



Muito do ‘Cristianismo’ de hoje é sincretismo, o que significa uma mescla de ideias oriundas de várias religiões antigas. Jesus deseja que a Sua religião seja a mesma neste século XXI como era no século I (Hebreus 13:8).

Bíblia que mencionam o Sábado têm o mesmo significado—o sétimo dia da semana, que é desde o pôr do sol de sexta-feira até ao pôr do sol de sábado.

Os nossos serviços religiosos semanais realizam-se, por esse motivo, ao Sábado bíblico. Este é o dia que Deus santificou. Nenhum ser humano pode santificar qualquer dia ou transferir o Sábado para outro dia. E não existe nem a menor prova de que Deus tenha alguma vez retirado a santidade do sétimo dia e a tenha transferido para outro dia. (O nosso livreto gratuito, disponível em espanhol, Dia de repouso cristiano, fornece amplas provas de que o Sábado ainda é o dia santo de Deus e que Deus concede grandes bênçãos aos que o guardam, celebram e Lhe obedecem desta forma.)

Convidamos todos que estejam interessados – e aos vossos filhos também – a visitarem-nos durante os nossos serviços religiosos quando desejarem. Ou talvez desejem falar com um dos nossos ministros primeiro. Contactem-nos se desejarem saber a localização da nossa congregação ou ministro mais próximo. **BN**